

RESPOSTA À CARTA: DO DIREITO E DO DEVER DE MUDAR O MUNDO¹

André Randazzo Ortega²

Caro professor Paulo Freire,

Sua carta chega até mim em um momento em que me encontro dividido entre a angústia e a expectativa. A angústia, pelo que se dá, e a expectativa, pelo que ainda virá. Não tem sido fácil para nós da esquerda progressista estes últimos anos, talvez os mais desafiadores desde a sua partida. Mas o seu legado, o seu pensamento e o seu exemplo de luta e resistência – travada com tanta paixão e altivez, mesmo diante dos mais adversos cenários – nos fornecem as ferramentas e a motivação para seguir em frente. Afinal, como o senhor mesmo disse, é nosso direito e nosso dever mudar o mundo. É por isso que estou ansioso para contar-lhe tudo.

Hoje, como em tempos passados, nossa luta mais urgente se volta à defesa da ainda jovem democracia brasileira. O que vivemos hoje começa a se desenhar mais ou menos há seis anos, quando a presidenta Dilma Rousseff, do PT, que o senhor ajudou a fundar, sofreu um golpe de Estado travestido de *impeachment*. Quanto à Dilma, o senhor pode ficar tranquilo. Ela demonstrou uma força descomunal ao enfrentar com bravura e serenidade os usurpadores de seu mandato, seu vice-presidente conspirador, Michel Temer, e um Senado Federal em fúria, sedento pelo poder. Sim, ela foi deposta. Não sem resistência, mas foi! Tempos depois, o justo reconhecimento de sua idoneidade já chegou pelas reverências do povo e pelas mãos da justiça. Sim, ela era inocente das acusações que lhe imputavam. Particularmente, alegro-me em contar ao senhor que enquanto jovem estudante universitário e militante de esquerda, à época no auge dos meus 19 anos, me engajei na luta contra a farsa do *impeachment* e o governo ultra neoliberal de Temer que tomou de assalto a Presidência da República.

Creio que o senhor ficaria orgulhoso do que fizemos naquele tempo, professor. Educadores e educandos, da educação básica ao ensino superior, de todas as regiões do Brasil, encamparam a luta pela democracia. Lá onde me formei, foram organizadas manifestações, ocupações de prédios e espaços públicos, aulões nos gramados, rodas de conversa e música. Trocamos as quatro paredes de alvenaria das salas de aula pela praça central da cidade. Marcamos nossa presença, e demos nosso recado. Apesar dos pesares, foi um bom momento para esperar. O pior, no entanto, ainda estava por vir.

Sabe, professor, eu sou formado em História. Como todo historiador, sou um curioso persistente e, por que não dizer, um fofoqueiro sobre o passado (no melhor dos sentidos). Por vezes, me peguei perguntando sobre como líderes tão cruéis e vis surgiram e conseguiram angariar apoio junto ao povo. Era o momento de crise! A desesperança, a desilusão com a realidade, o repúdio ao diferente? São esses os fatores que levaram homens como Mussolini

¹ FREIRE, Paulo. Do direito e dever de mudar o mundo. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000. p. 26 -30.

² Licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestrando em Educação pela UFV. Professor de educação básica na rede privada de ensino.

e Hitler ao poder na Itália e na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930. Talvez, seja uma junção de todos eles. É fato que grandes intelectuais que viveram na época buscaram explicar como tal fenômeno foi possível, como Adorno, Horkheimer e Marcuse. Não quero jamais tentar aqui chegar aos pés das brilhantes análises desses mestres, quero apenas relatar para o senhor, do meu ponto de vista, da razão e do coração, o que aconteceu no Brasil no ano de 2018.

Um deputado, ex-militar reformado, até então quase um desconhecido no cenário nacional, com uma carreira parlamentar de pouquíssima relevância ou expressão em sete mandatos consecutivos, conquistados pelo estado do Rio de Janeiro, ganhou projeção ao adotar um discurso forte, apelando ao excesso de moralismo e à religião cristã, por vezes beirando o fundamentalismo. Jair Bolsonaro, esse é o nome dele.

Bolsonaro surgiu como a negação de todo o processo de fortalecimento das instituições democráticas pelo qual o senhor, professor, e tantos outros dedicaram suas vidas e lutaram durante décadas no século passado. Falou ao povo mais reacionário e dirigiu seus esforços à negação da própria política, da democracia enquanto espaço de diálogo e respeito ao diferente, e das minorias, alegando que elas deveriam se curvar à maioria. E, se o senhor me perguntar sobre essa tal maioria, respondo que é a parcela da população que apoiou/apoia Bolsonaro e sua visão de mundo, uma suposta maioria branca, de classe média ou alta e fervorosamente cristã. Seria isso uma cínica deturpação do que é a população brasileira, ou seja, pobre, negra e parda? Seria isso um ataque direto desferido ao Estado brasileiro, laico e garantidor da liberdade religiosa? Me parece claro que sim. De todo modo, um jargão foi e ainda é utilizado para definir essas pessoas, são os “cidadãos de bem”.

Também chamou a atenção a negação da própria humanidade e o processo de reificação daqueles que não se enquadravam e que estavam a par do padrão da moral e dos bons costumes dos “cidadãos de bem”. O senhor facilmente imagina que, nesse processo, os militantes da esquerda progressista se transformaram nos inimigos número um do projeto de país de Bolsonaro e seus apoiadores. Com a instrumentalização da massa, Bolsonaro ascendeu quase que de maneira meteórica e foi eleito presidente, em outubro de 2018. E então, mergulhamos nas trevas.

Professor, acredito firmemente que o governo Bolsonaro tenha sido a maior expressão do levante da extrema-direita no Brasil desde a nossa redemocratização. Aos colegas militares, Bolsonaro ofereceu cargos e ministérios, o que os fez sair da caserna e retornar à cena política. Por diversas vezes, tentaram nos colocar contra a parede. E os ministros da educação, o que falar? O primeiro era um conservador que prometeu revisar os livros didáticos de história que eram utilizados nas escolas. O segundo declarou que as universidades públicas eram locais de “balbúrdia”. O terceiro, era um pastor evangélico. Foi exonerado em meio a acusações de favorecimento a outros pastores e prefeitos nos assuntos ministeriais. Até barras de ouro foram usadas como propina. Como se não bastasse, nossa profissão foi atacada, nossa condição como sujeitos da prática da educação foi vilipendiada e até contra o seu legado eles se levantaram. Aparentemente, a sua proposta de educação libertadora e de formação de sujeitos críticos capazes de se inserir, compreender e intervir no mundo soou como uma ameaça aos interesses desses que comandaram a educação no governo Bolsonaro.

Aliás, acho pertinente contar-lhe que, como o senhor bem escreveu, aqueles que têm como interesse a manutenção do *status quo* e a defesa do interesse dos poderosos, as classes

dominantes, se articularam para combater qualquer tipo de educação progressista e crítica, alegando tratar-se de “doutrinação ideológica”. Sob essa perspectiva, advogaram que a educação brasileira estava a serviço dos interesses da esquerda em promover o ideal socialista/comunista aos jovens nas instituições escolares. Também fizeram, e ainda fazem, ferrenha oposição ao debate de questões como gênero, sexualidade e saúde sexual, que são reunidas sob o pseudoconceito de “ideologia de gênero”, um ataque moral desferido às crianças e às tradições familiares dos “cidadãos de bem”. Houve, nesse contexto, quem colocasse em questão a necessidade do ensino domiciliar, já que Bolsonaro e seus seguidores rotineiramente colocam a primazia da religião sobre o conhecimento de base científica e racionalmente fundamentado. Dizem eles que a família é que deve decidir sobre o que a criança deve ouvir e aprender, algo que se opõe à necessidade de as crianças crescerem no exercício do pensar, do duvidar, do indagar e do experimentar, algo que o senhor tão sabiamente pontuou em sua carta.

As universidades, principalmente as públicas, também não foram poupadas. Muitos se referiram à “ditadura do pensamento único”, uma prisão da mente dos universitários nas ideias de esquerda, marxistas, comunistas e freirianas (olha o senhor aqui novamente!). Querem eles que a educação seja neutra, não enviesada e não doutrinadora, ou ao menos alinhada ao que eles entendem que seja algo neutro, não enviesado e não doutrinador.

É claro, como sabemos, a educação não pode ser neutra. O senhor mesmo escreveu que ela deve estar a serviço da transformação do mundo e da recusa das afirmações fatalistas que naturalizam as estruturas injustas e desiguais típicas da sociedade capitalista. Se discutir sobre os problemas sociais, se municiar jovens para garantir a intervenção na sociedade e se estimular o questionamento e o pensamento crítico é ser doutrinador, devo dizer que muitos educadores assumiram esse título e dele se orgulham até hoje (eu incluído).

Sinto muito, professor, mas acho que o senhor também foi um doutrinador. Na visão dos reacionários, creio que o maior de todos. Seu método de alfabetização, capaz de incitar nos trabalhadores a consciência crítica sobre a realidade, sua concepção de pedagogia como luta pela liberdade, contra a opressão da dominação dos ricos e poderosos, tudo isso se tornou a marca daquilo que esses reacionários enxergam de mais perigoso quando pensamos na educação dos mais pobres (até mesmo porque pobres críticos, conscientes e capazes de lutar contra o sistema é tudo que esses grupos mais temem). Até mesmo aqueles que sequer leram uma frase escrita pelo senhor têm no nome “Paulo Freire” o sinônimo de uma educação “esquerdista e doutrinadora”.

Mesmo diante de tanta adversidade, nós nos mantivemos firmes, e a resistência prosseguiu. No início de 2020, uma nova crise. Uma doença respiratória grave surgida na China, chamada COVID-19, colocou o mundo em estado de alerta. Os casos escalaram rapidamente em número e proporção, e nos vimos diante de uma pandemia global. E, como não poderia deixar de ser, Bolsonaro fez de tudo para atrapalhar o combate à essa pandemia. Primeiro, desestimulou o isolamento social, que era adotado pelos principais países do mundo como medida de contenção da disseminação da doença. Depois, defendeu medicamentos sem eficácia comprovada, estimulando a aquisição e utilização deles no sistema público de saúde. Por fim, ele se opôs à vacinação o quanto pode, atrasando a compra e a distribuição de doses que se tivessem chegado com semanas de antecedência, poderiam

ter salvado milhares de vidas. Quase 700 mil brasileiros perderam a vida no tempo da pandemia³, professor. Foi a maior tragédia de nossos tempos recentes.

Tentando juntar os cacos e continuar na luta contra o desgoverno, fomos surpreendidos pelo vislumbre de que sair do caos era possível. Não era, de sobremaneira, a solução dos nossos problemas, mas era a chance de vencer Bolsonaro. Lula, que havia sido preso em 2018, foi solto e reassumiu seu posto de maior liderança do campo progressista de nosso tempo. Sobre Lula, acho que interessa ao senhor, professor, algumas breves palavras.

Após anos tentando, ele conseguiu se eleger em 2002, e foi reeleito em 2006. Lula fez um bom governo, levando muitos pobres, negros e periféricos às universidades, promovendo justiça social e melhorando a condição de vida dos brasileiros. Mas seu governo foi extremamente conciliatório, e a mão que assistia aos pobres era duas vezes mais eficiente no atendimento dos interesses dos ricos. Lula não foi uma decepção, mas não encampou as reformas que a esquerda progressista sonhava. Saiu em 2010, e conseguiu colocar em seu lugar Dilma, cujo governo acabou no golpe que já mencionei. Em 2018, ele foi preso em uma manobra política para tirá-lo da eleição por um juiz chamado Sérgio Moro. Moro que foi, em seguida, nomeado ministro de Bolsonaro, que venceu a eleição muito em função da prisão de Lula.

Foram 580 dias preso após uma condenação mais que suspeita. Pois, de fato, a suprema corte definiu pela nulidade do processo. Lula foi solto e recobrou seus direitos políticos, lançando imediatamente sua candidatura. Estava, então, para nós, a luta traçada pelos próximos meses que nos direcionaríamos às eleições em 2022. Caberia à esquerda progressista, em conjunto com outros setores que viam o desmantelamento do Brasil nas mãos de Bolsonaro, apoiar Lula e o PT de volta à presidência. Eu, ao menos, pude comprar essa ideia facilmente. Para mim, fazia sentido derrotar Bolsonaro e, depois, encampar outras lutas, mais radicais e derradeiras.

Pois é, professor Freire, poucos momentos nas últimas décadas de nossa república foram tão decisivos para nosso país quanto o mês de outubro de 2022. Foi uma disputa acirrada, marcada pela agressividade de Bolsonaro e pelos ataques que ele e seus seguidores desferiram às instituições de Estado, à Lula e àqueles que o apoiavam. Éramos os comunistas, os defensores de um ex-presidiário, os traidores da nação. O vermelho, a cor do sangue dos oprimidos, dos antigos escravizados e dos trabalhadores, que foram mortos vítimas da opressão e da exploração capitalista ou lutando contra ela, tornou-se a cor que ameaçava sobrepujar o verde e o amarelo da bandeira nacional. Tudo isso confluiu na defesa da continuidade de um governo hostil aos trabalhadores. Não podíamos deixar isso acontecer.

Foram dias de muita tensão, mas no final, por uma margem super apertada de votos, a mais apertada de toda a história republicana, vencemos. E como comemoramos, como vibramos, como celebramos. Foi um momento de êxtase, de pura euforia, daqueles dos quais não esqueceremos tão cedo. Mostrava-se clara e cristalina a sensação de que estávamos deixando para trás o obscurantismo e a barbárie mais terríveis da extrema-direita. Como muitos registraram, a vitória de Lula não era da entrada no paraíso, mas era a saída do inferno.

Entretanto, como não poderia deixar de ser, à esquerda – progressista, comprometida com o direito e o dever de mudar o mundo – mais uma tarefa foi requisitada. Poucos dias

³Segundo dados obtidos em 18 de março de 2023. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 18 mar. 2023.

após a eleição, os “cidadãos de bem” bloquearam estradas e foram à frente dos quartéis do exército alegando fraude no resultado das urnas e manipulação no sistema eletrônico de votação, e pedindo um golpe de Estado dos militares para impedir a posse do presidente eleito e a manutenção de Bolsonaro no poder.

É como disse Marx, professor Freire, “A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. Foi nesse momento em que os defensores de Bolsonaro ressuscitaram o espírito do passado da ditadura, que se levantou das páginas mais tristes dos livros de história para ameaçar a democracia. Pudemos sentir o que o senhor, e outros camaradas, devem ter sentido nos meses de março e abril de 1964. Foi então, que para minha grata surpresa, chegou-me sua carta.

Pois agora, diante de tudo isso, me pego refletindo sobre o que o senhor escreveu na carta: se é nosso direito e nosso dever mudar o mundo, e se tal é possível na medida em que mantemos nossos sonhos (projetos pelos quais lutamos), como lutar, ante toda a adversidade dos dias de hoje, por um futuro em que a sociedade esteja livre de toda forma de opressão e exploração? Para começar a refletir, recorro a uma tradição que é muito cara para mim, assim como creio que é para o senhor, o marxismo.

É instigante pensar como já Marx chamou nossa atenção para o fato de que o ser humano, em seu intercâmbio material com a natureza, constrói a sociedade e a si mesmo. Portanto, é do ser do homem a responsabilidade por toda e qualquer atividade humana sensível. É como o senhor também escreveu na carta. Se, nesse sentido, empreender a luta pela mudança qualitativa da sociedade capitalista no sentido da superação de todas as suas formas de opressão é nossa tarefa, a própria luta há de transformar a nós e a nossa maneira de ser diante do mundo. Disso, decorre minha convicção e minha esperança (esperança do verbo esperar, como o senhor me ensinou) de que sim, é possível. Se o ser humano constrói, o ser humano pode mudar, pode derrubar, e depois reconstruir. E como ponto de partida, nós, progressistas, podemos nos motivar com isso. Não importa se é difícil, já que é possível, e, sendo possível, a causa não é, de nenhuma maneira, perdida.

Temos aqui, então, a questão do tempo histórico de uma geração, tal como o senhor mencionou. De fato, a luta não se trava apenas ante as forças do presente, mas também contra as marcas do passado. Ao bem citar o Movimento dos Sem-Terra, o senhor nos remete às máculas deixadas pelo colonialismo e pela concentração fundiária. Nos dias de hoje, ante o cenário que se estabelece, a onda reacionária bolsonarista e o golpismo dos “cidadãos de bem”, nos deparamos com a imperiosa necessidade de defender nossa democracia contra as forças de um passado fardado de verde oliva e manchado de sangue. Acredito, no entanto, que se o passado nos revela desafios, também nos dá exemplos de como resistir e seguir em frente. O senhor lembrou das ligas camponesas e dos quilombos, raízes do atual Movimento dos Sem-Terra. Eu, com base no mesmo raciocínio, lembro dos Carlos, Marighella e Lamarca, de artistas, como Gil e Caetano, e também do senhor, professor, e sua visão de educação que, aos olhos dos ditadores, representou uma ameaça. Mas quais as razões disso?

Arriscar uma resposta nos leva a um breve raciocínio. O senhor nos ensinou em seus livros que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, é da relação imediata ser-mundo que se estabelece o entendimento da realidade. A leitura da palavra, em subsequência, representa a construção do conhecimento, que deve se ancorar nessa mesma realidade. Através de tão valiosa lição, o senhor exorta à inserção crítica e consciente de sujeitos

históricos que não só são capazes de compreender a realidade, mas atuar para modificá-la. Aos militares de sua época, tal visão do processo de construção do conhecimento, e da educação como um todo, era potencialmente aos interesses autoritários do regime dos generais. Nos tempos atuais, para a onda reacionária bolsonarista e dos “cidadãos de bem”, o estímulo ao pensamento crítico e à compreensão da sociedade em bases críticas virou a “doutrinação”, a “ideologia de gênero” e a “ditadura do pensamento único”. Confesso que às vezes penso que estar do lado oposto dos “cidadãos de bem” é a prova de estar no caminho certo.

De toda sorte de coisas que podemos esperar para o futuro de nosso país e nossa democracia, e que são, pois, imprevisíveis, uma foge ao mistério: mais do que nunca, faz-se necessário estabelecer claramente os *fronts* de nossa luta, reconhecendo os obstáculos, os avanços e os retrocessos, mas esperançando na busca pelo sonho. Como bem o senhor escreveu, é imperiosa a rejeição das constatações fatalistas que servem apenas ao propósito de naturalizar as desigualdades sociais e manter o capitalismo de pé, a despeito de todas as suas contradições.

Para o pleno estabelecimento dos *fronts*, vislumbro que todos devem travar suas batalhas na mesma direção, a saber, a superação do sistema capitalista e a formação da sociedade socialista, livre e justa, regida nos princípios de Marx e Engels e sintetizadas em uma das mais famosas frases do pensador de Trier: “de cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo sua necessidade”.

No âmbito do Estado burguês, os parlamentares progressistas e socialistas devem dar combate aos reacionários que, na esteira do bolsonarismo, ganharam assentos no parlamento. Sabemos, pelas lições da história, que a extrema-direita sabe como utilizar o aparelho de Estado para exterminar seus opositores. No entanto, devemos ter em mente que a prática política sob as regras da democracia burguesa não altera qualitativamente a infraestrutura da sociedade de modo a promover a superação do capitalismo como modo de produção vigente. Dali, podem sair apenas reformas, e reformas estão sempre sujeitas aos ventos das ações reacionárias, como vimos nos últimos quatro anos. Além disso, o capitalismo, como nos ensinou István Mészáros, é irreformável. É por isso que os *fronts* mais decisivos estão na sociedade civil. Nesse momento, me vem à memória os escritos de um grande intelectual e militante socialista, que em sua atitude revolucionária acabou sofrendo as mais severas consequências: Antonio Gramsci.

Gramsci foi extraordinário, não foi, professor? Um exemplo vivo da práxis revolucionária. Foi preso por Mussolini e morreu por causa da debilidade de suas condições de saúde após anos de cárcere. Assim como o senhor, ele também nos conclamou à luta, e uma luta que permeia toda a sociedade, em todos os espaços possíveis. E isso a que ele deu nome de Estado Integral, composto não apenas pelas forças políticas, mas pelas relações civis e rotineiras que, sob o modo de produção capitalista, permite a hegemonia das classes dominantes. E é justamente por isso que a sociedade civil deve ser nosso campo de batalha. Lutar pelo futuro que sonhamos, pela libertação e emancipação dos trabalhadores, dos oprimidos, é lutar pela hegemonia do bloco histórico, encaminhando a mudança da própria sociedade, a superação do capitalismo e a sua substituição pelo socialismo.

Agora, pensemos em algumas instituições, começando pelas escolas. As instituições escolares podem ser tomadas como *front* por serem responsáveis pela educação formal que, nos dias de hoje, é etapa obrigatória na vida de qualquer criança ou jovem. Como o senhor

ensinou, professor Freire, a escola não pode ser alheia às experiências vividas fora dela. Nem o educando é uma tábula rasa, nem o ser que educa é neutro. A ideia da neutralidade é uma besteira sem tamanho. É o silenciamento daqueles que criticam as injustiças da sociedade por aqueles que desejam mantê-las. Assim, os educadores progressistas devem assumir a postura e o compromisso com a formação de autênticos sujeitos críticos, capazes de compreender e intervir na realidade social. Voltando à Gramsci, são esses a quem ele denominou intelectuais orgânicos. Os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora servem e servirão ao propósito da vitória na luta pela hegemonia no bloco histórico. Acredito que seja neste prospecto que reside a força da educação escolar, mesmo que esta apresente limites.

Para além, entretanto, se bem compreendi o teor de sua carta, penso que se a escola é um *locus* de luta, deve a sociedade em geral também o sê-lo. Ora pois, estabelecido o *front* da escola, devemos ir para fora dela, para falar com os trabalhadores, vítimas da exploração econômica, com os negros, vítimas do racismo, com as mulheres, vítimas do machismo, enfim, com todos aqueles em situação de opressão. A educação, nesse sentido, transborda para todo o corpo social e aqueles que se integram no processo se refazem e se transformam positivamente em uma relação dialógica, na medida em que promovem ações que mudam o mundo. Do fundo do coração, acredito que se pudermos consumir essas ações, já teremos um bom começo trilhado.

Se é nosso direito e nosso dever mudar o mundo; se, embora difícil, é possível levar ao cabo esse projeto; se podemos, como educadores progressistas, dentro da escola, mas também fora dela, agir nos *fronts* dessa luta, cabe-nos sonhar, cabe-nos esperar, cabe-nos educar, cabe-nos todo o inconformismo ante toda e qualquer forma de injustiça social. E que o senhor, caro professor Paulo Freire, possa continuar munindo nossas mentes e corações com a sabedoria de quem sonhou e esperançou em todos os instantes de sua vida

Um terno abraço, com coragem, estima e incondicional apreço!

Dedico este texto à memória de minha amada tia Áurea Tedesco Serafim, falecida no momento em que eu o escrevi. Figura presente em toda a minha vida, levarei comigo as lembranças de sua ternura, sua companhia e suas brincadeiras.